

Data: 25.10.2018

Título: BOTÂNICO D'AJUDA: O JARDIM FAZ 250 ANOS

Pub:

GENTE

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 45;46;51;52

DOCUMENTO



BOTÂNICO D'AJUDA: O JARDIM FAZ 250 ANOS

Foi o primeiro jardim botânico criado em Portugal, no rescaldo do terramoto que destruiu Lisboa. Aqui há árvores com mais de 250 anos e muitas histórias, de plantas e dos homens, alguns dos quais as trouxeram dos cinco continentes. O Jardim Botânico d'Ajuda, que já foi o jardim do rei que habitava o palácio ali ao lado, propõe uma viagem no tempo, agora que as folhas das árvores estão a cair...

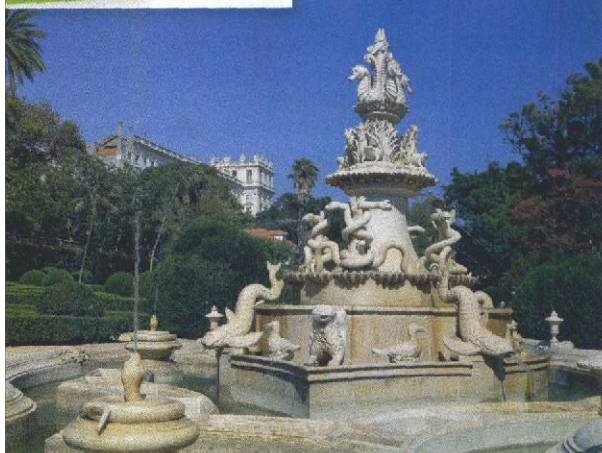
Área: 3155cm² / 147%

Tiragem: 202.750
FOTO

Cores: 4 Cores

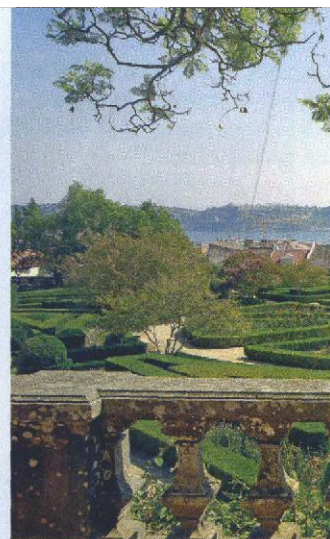
ID: 6270431

DOCUMENTO



O Jardim Real do Paço da Ajuda

Este foi o primeiro nome do Jardim Botânico d'Ajuda, construído antes do palácio do mesmo nome (cujas obras arrancaram em 1794, e que se vê nesta foto), ao qual chegou a estar ligado por um túnel. O Jardim Real foi criado por ordem do Marquês de Pombal na Quinta de Cima, uma das três propriedades que o rei possuía na colina entre a praia de Belém e a Serra de Monsanto. Para além desta existiam ainda a Quinta de Baixo (onde hoje estão o Jardim Tropical e o Palácio de Belém) e a Quinta do Meio (onde foi construída a Igreja da Memória, memorial do terramoto). O Jardim Real foi para a Quinta de Cima, outrora a horta real, por esta já possuir um velhinho sistema de rega...



Um jardim projetado para fins de ensino

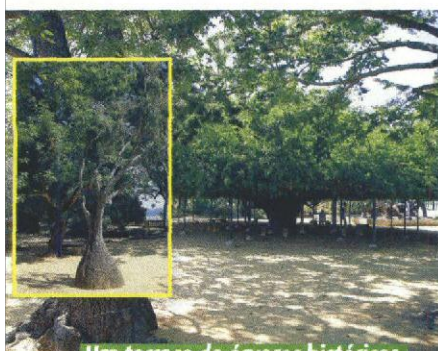
Em 1755, quando o terramoto destruiu Lisboa, nem o Palácio da Ribeira, a residência da família real no Terreiro do Paço, foi poupado. O rei D. José decidiu mudar-se para uma zona alta nos arredores da cidade, onde viveu, ainda durante um tempo, numa casa de madeira, a que se chamava mesmo Real Barraca. Traumatizado pelo sismo, o rei demorou até aceitar voltar a viver entre paredes de alvenaria... Foi o maior sismo da História de Portugal, que obrigou à mudança da família real para a zona outrora dominada por quintas, que levou à criação, em 1768, do Jardim Botânico d'Ajuda (JBA), que este ano está a celebrar 250 anos.

Por se tratar do mais antigo Jardim Bo-

tânico português, e o 15.º a ser criado na Europa, o espaço merece uma visita. Nestes 3,4 hectares, encaixados entre as calçadas do Galvão e da Ajuda, na sombra do Palácio Nacional com o mesmo nome, não faltam histórias para contar, do jardim e das cerca de 1500 plantas que aqui vivem. Algumas há 250 anos... Dalila Espírito Santo, a atual diretora deste jardim histórico, contou-nos algumas... Como aquela de como tudo começou.

Foi por decreto que o Marquês de Pombal ordenou que se criasse, na Quinta de Cima – que, por fornecer as hortícolas para a corte, já tinha um sofisticado sistema de rega –, o Jardim Real do Paço da Ajuda, para deleite e aprendizagem do rei D. José

e dos seus filhos. Até hoje, o Jardim Botânico d'Ajuda mantém os objetivos de ensino para os quais foi criado, não só em relação aos alunos do Instituto Superior de Agronomia, no qual está integrado, mas também aos visitantes. Dalila Espírito Santo conta como o Jardim Botânico da Ajuda fez parte da reconstrução do sistema de ensino na Lisboa pós-terramoto: "Os jesuítas tinham sido expulsos pelo Marquês de Pombal e, no local onde hoje é o Museu Nacional de História Natural, fundou-se o colégio dos nobres. Mandaram vir os melhores professores da Europa. Entre eles, o naturalista italiano Domingas Vandelli, que propôs o projeto deste jardim, que foi muito bem aceite

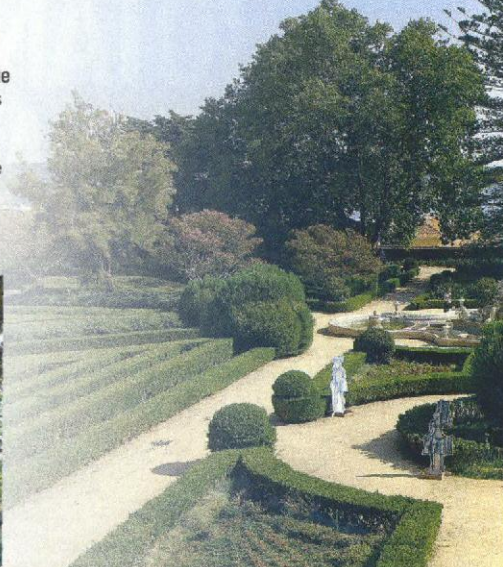
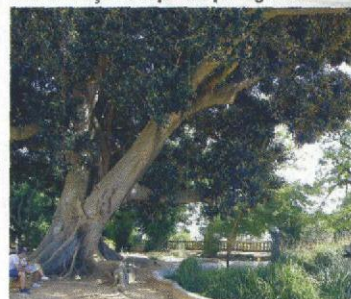


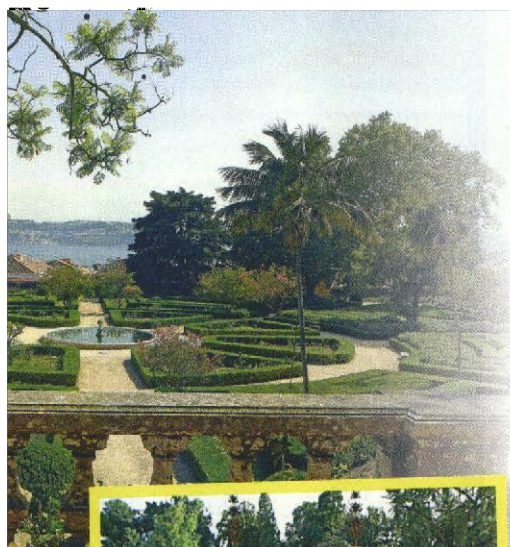
Um terraco de árvores históricas

A *schotia afra*, com a sua copa acolhedora, é uma das árvores fundadoras do jardim. Já as *beaucarneas* (ou patas-de-elefante) são árvores curiosas, do deserto do México, cuja base larga é o depósito onde a planta guarda água.

Árvores invasoras

As *ficus macrophylla* do Botânico d'Ajuda mostram como uma planta estrangeira pode ser perigosa em Portugal. Muito apreciadas pela beleza e porte, são figueiras estranguladoras, que sugam toda a água em volta. Esta estrangulou o lago em frente com as suas raízes. Nas visitas ao jardim, é explicado como esta árvore australiana, tal como outras plantas, podem tornar-se uma ameaça às espécies portuguesas.





Um jardim em dois terraços, com vista para o Tejo

O projeto do Jardim Botânico d'Ajuda foi inspirado no Jardim Botânico de Pádua (foto pequena, em baixo à esquerda), em Itália, sendo ambos uma espécie de jardins irmãos. Separados por uma colunata renascentista, os dois terraços são espaços distintos. No de cima, com vista para o rio e mais dedicado ao ensino, estão as árvores mais antigas, os canteiros da coleção botânica com plantas de todo o Mundo e as estufas. No terraço de baixo foi plantado um jardim de buxo renascentista, uma das imagens de marca do jardim, cujo desenho já não é o original, por ter sido replantado em 1945, após o ciclone que destruiu parcialmente o espaço.

pelo Marquês de Pombal, pelo interesse económico. Além do Jardim Botânico – para ensino dos príncipes –, o projeto previa criar o primeiro núcleo científico de Lisboa, com laboratórios de química e física, etc. Havia interesse em melhorar a qualidade do ar que vinha do Brasil antes de o distribuir pela Europa, ou em desenvolver o interesse do povo por plantas, como trigo ou arroz, que podiam usar-se para diversos fins e produzir riqueza.” Dizem os registos históricos que nos 3,5 hectares do jardim chegaram a

viver 5000 plantas e árvores, vindas dos cinco cantos do Império Português. Um número muito superior aos 1568 exemplares contados no último censo ao jardim. Dois factos explicam a diferença de números da coleção botânica, para além da passagem do tempo. Um deles, histórico, remete para as invasões francesas, quando o jardim terá sido despojado de grande parte das suas plantas, enviadas para Paris por ordem do general Junot. Outra explicação é mais biológica, como nos conta Dalila Espírito Santo: “Quando, em 1811, Fé-

lix de Avelar Brotero, o segundo diretor do jardim, fez a sua listagem, já só se contaram 1300 espécies. Ou seja, das 5000 plantas originais, numa área tão pequena, ao crescerem muitas, matavam-se umas às outras.”

Ao longo de 250 anos, o acervo do jardim foi encolhendo ou crescendo ao sabor de crises económicas ou políticas – algumas deixaram-no quase ao abandono –, de intempéries climáticas e ao mérito de quem o foi dirigindo. Do primeiro jardim que aqui existiu, restam apenas algumas



Por que razão é este dragoeiro velhinho o símbolo do jardim

Em cima, vemos a árvore mais antiga, símbolo do Botânico d'Ajuda: o dragoeiro que já foi o maior do País, mas que já está a morrer de pé, preso por uma estrutura... D. José mandou-o vir da Madeira há cerca de 250 anos, de onde esta espécie, de aspeto exótico, é originária. Reza a lenda que quando os exploradores chegaram às ilhas, estas estariam cheias de dragões. Quando os exploradores apareceram, atiraram a matar, por cada pinga de sangue que caiu à terra, nasceu um dragoeiro. No Botânico d'Ajuda há outro dragoeiro, ainda muito viçoso, que será filho do original, tendo cerca de 150 anos...



O que nos ensina a coleção botânica

No terraço superior, os canteiros guardam a coleção botânica – com plantas divididas pelos continentes de origem –, que tem muito para ensinar. Como esta comparação... Na foto da esquerda, no canteiro de África, os aloés (em Portugal conhecidos por piteiras), e, no canteiro da direita, das Américas, os agaves. Explica Dalila Espírito Santo: “São plantas suculentas com as mesmas funções de adaptação à secura, mas porque é que não há agaves em África ou aloés na América?” Questões respondidas nas visitas ao jardim, onde se encontram goiabeiras, usadas para fazer doce, ou magnólias para fazer perfumes famosos... “A função do jardim continua a ser informar sobre a utilidade das plantas e aquelas que podem ser perigosas no nosso clima.”

DOCUMENTO

Jardim dos aromas

É a única parte acrescentada recentemente ao jardim original. "Aqui, os visitantes podem ver, cheirar e provar as plantas que usamos na cozinha, em perfumes e que até podem ter uma função inseticida natural", explica a diretora do jardim.

plantas, entre elas duas das árvores mais imponentes que acolhem quem entra pela Calçada do Galvão: o velhinho dragoeiro – um dos sete que D. José mandou vir da Madeira no século XVIII –, símbolo do Jardim, e a *schotia afra*. Estas duas árvores já sobreviveram à passagem do furacão (ou ciclone) que, em 1941, devastou Lisboa e aqui derrubou muitas árvores centenárias. O desenho do jardim também terá sido, entretanto, alterado. Inspirado no Jardim Botânico de Pádua (cidade natal de Domingos Vandelli), tem, como aquele, dois terraços, um deles com vista para o Tejo e para o terraço inferior, dominado por um jardim de buxo de desenho renascentista e fontes barrocas. Dalila Espírito Santo conta que a alteração do traçado do jardim de buxo teve a ver com "os altos e baixos pelos quais o jardim passou". "Temos uma fotografia do século XIX, com uma dama a passear pelo terraço inferior, que estava cheio de árvores. Como o buxo precisa de sol, com tanta árvore, provavelmente, nessa altura, morreu. Após o ciclone, o jardim voltou a sofrer uma intervenção, há registos de que o jardim estava algo ao abandono e teve de ser desbravado. O primeiro arquiteto paisagista foi chamado e determinou que no terraço inferior não se plantassem árvores para que se visse o rio, e que o buxo fosse reposto.

Por isso, o desenho que aqui vemos terá uns 73 anos..."

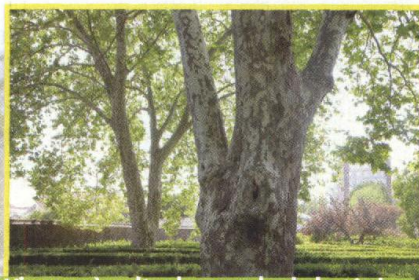
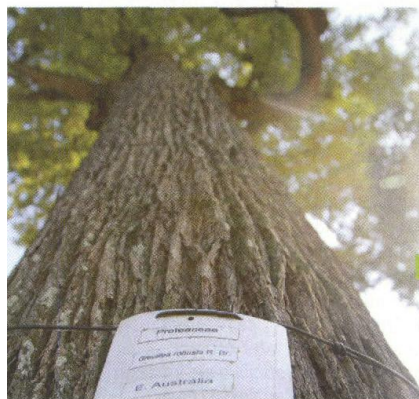
Hoje, o Jardim Botânico d'Ajuda enfrenta desafios, como os das alterações climáticas, e Dalila Espírito Santo não esconde a preocupação com o futuro do jardim, a poucos meses de se aposentar: "Seriam necessárias outras infraestruturas. Hoje, com as altas temperaturas, as

A investigadora Dalila Espírito Santo é a atual diretora do Jardim



nostros estufas já não têm condições e várias plantas têm secado, como os brinços-de-princesa, espécies açorianas. A continuar assim, teremos de recorrer a medidas de mitigação, mantê-las mais molhadas... mas, com o calor, também há o risco de as plantas cozerem." Outro problema do jardim é a falta de pessoal. "Neste momento, tenho só três pessoas para cuidar destes dois terraços, o que é manifestamente insuficiente para assegurar toda a manutenção", conta a responsável, finalizando com um desabafo: "Felizmente, tem-nos valido o trabalho dos voluntários!"

Texto: ANABELA PEREIRA FERNANDES (anabela.fernandes@impala.pt); Fotos: ZITO COLAÇO e D.R.



Viagem à volta do mundo da botânica

Ir a este jardim é percorrer o mundo botânico em menos de quatro hectares, pois por ali estão árvores de todos os continentes, de Portugal à Austrália, passando pelos plátanos, oriundos do Canadá. Todos os exemplares estão identificados.

O que há para fazer no Jardim Botânico d'Ajuda?

- ❖ As comemorações dos 250 anos do jardim estão quase no fim, mas resta um evento para comemorar: A Festa de São Martinho, agendada para o fim de semana de 10 e 11 de novembro, com atividades, feirinha e visitas a acontecer entre as 10h e as 17h.
- ❖ O Jardim Botânico d'Ajuda organiza visitas guiadas, gerais ou temáticas, que podem incidir mais nos aspetos botânicos ou históricos do espaço. É também frequente organizar *workshops* e cursos, para adultos ou crianças, onde se aprende a utilidade das plantas, na cozinha, na arte, etc.
- ❖ O público infantil é um alvo principal nas atividades deste jardim. Além das visitas para as escolas, o jardim organiza tradicionalmente eventos em alturas específicas, como o Carnaval, Dia das Bruxas, início da Primavera, etc. Mais informação em www.isa.ulisboa.pt/jba/conhecer-o-jba, ou pelo telefone 213 622 503.
- ❖ Horário das visitas: varia ao longo do ano, com as horas de sol.
- ❖ Até fim de outubro, as visitas são das 10h às 17h (até às 18h aos fins de semana e feriados).
- ❖ De 1 de novembro a 31 de março, visitas entre as 10h e as 17h.
- ❖ Preço: € 2 (adultos), gratuito para crianças com menos de seis anos. Há descontos para estudantes, seniores e famílias.

